

Comunicado Nº 1 das Forças Armadas da Guiné

«Grupos de indivíduos vindos do exterior e que se intitulam libertadores da nossa Guiné, pretenderam assaltar, na madrugada de 18 [de Julho de 1961], o quartel da unidade estacionada em S. Domingos, mas puseram-se em debandada quando pressentidos.

Ao atacar de novo o mesmo aquartelamento na madrugada de 21, foram energeticamente repelidos, tudo fazendo crer que os assaltantes sofreram baixas. Entre o nosso pessoal registaram-se ferimentos leves num sargento, em três soldados europeus e num soldado natural da província.

Na madrugada de 24 perpetraram actos de vandalismo em Varela, destruindo completamente o mobiliário das casas existentes e cortaram as linhas telefónicas.

No dia seguinte, à noite, perpetraram novos actos de vandalismo em Suzana, onde incendiaram praticamente todos os edifícios de utilidade para a população, tendo destruído com requintes de malvadez todos os medicamentos existentes no edifício da Missão do Sono e destinados ao tratamento da população daquela área.

Destruíram também todas as fichas de tratamentos, o que vem dificultando a continuação dos mesmos.

Nas acções de limpeza levadas a cabo por unidades deste comando na área dos assaltos realizaram-se batidas em pormenor e prestou-se auxílio às populações que sempre dispensaram o melhor acolhimento e manifestaram o seu desejo de permanecer em paz.

O pessoal do serviço de saúde militar que acompanhou as tropas, prestou toda a assistência médica que careciam os doentes daquelas áreas.

Durante estas acções das nossas forças, não houve qualquer baixa da nossa parte e não foram em nada molestadas as populações. Todas as unidades deste comando, reprimirão com a maior energia quaisquer outras acções desta natureza que surjam no nosso território.»

Segundo o Governador Comandante Peixoto Correia, que organizou uma manifestação "dos habitantes dos bairros populares de Bissau", estes exprimiram "a sua lealdade à Nação e a sua repulsa pelas incursões". Disse também que os régulos e notáveis da população tinham manifestado "alto sentido patriótico" não aderindo nem pactuando com os "invasores".

Notificou-se que o alferes de 2ª linha Mamadu Sanhá, de Bigene, e régulo daquela área, "acompanhado de um grupo de habitantes" se deslocou a Bissau "a fim de solicitar ao Governador da Província, a necessária autorização para desmentir a atoarda divulgada através da emissora do Senegal pelos bandoleiros, que se intitulam *nacionalistas*, relativa a tumultos que teriam ocorrido na área do seu regulado".

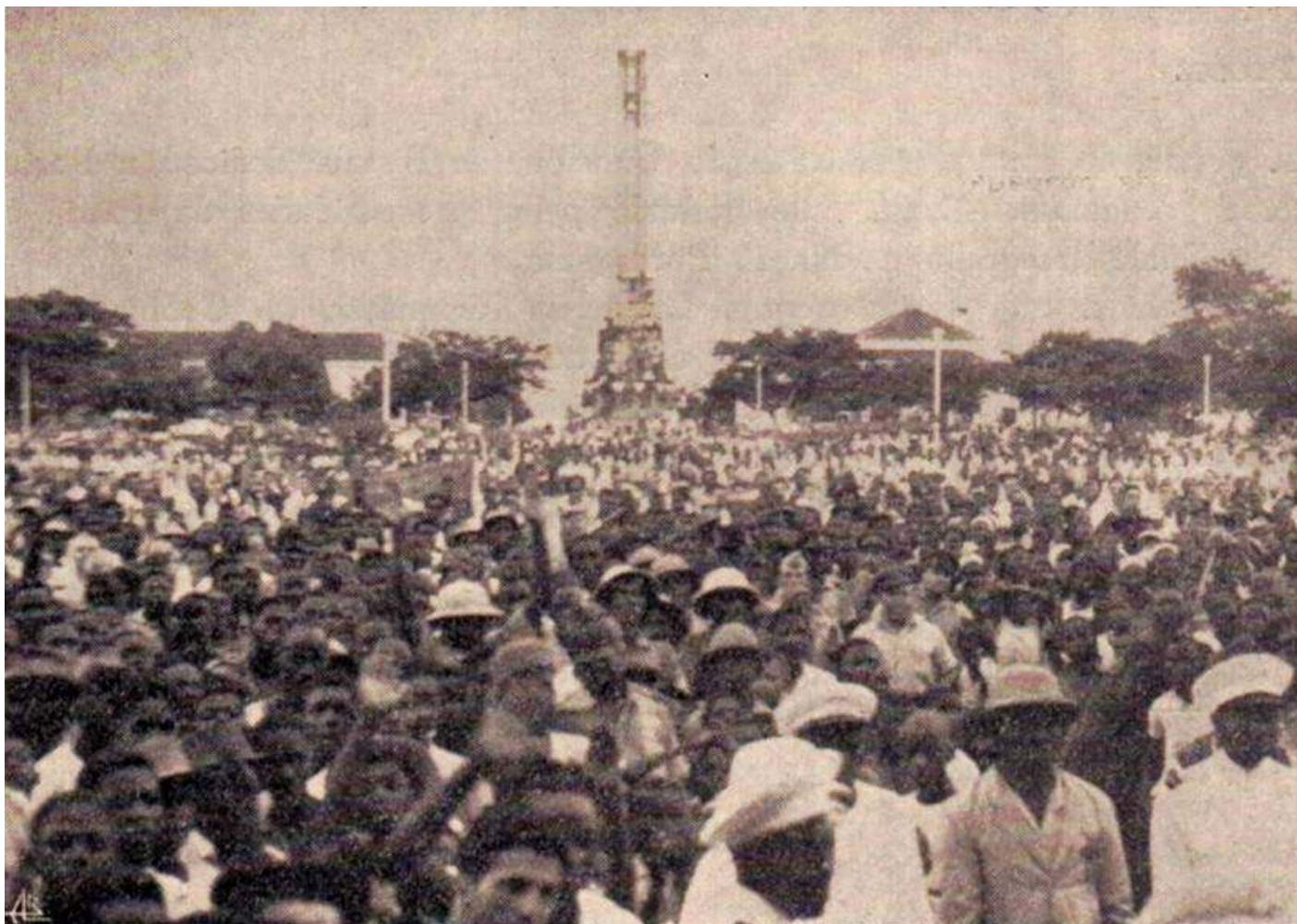
Houve também no Cupelon uma "Juma Saló" (prece islâmica), orando "pelas prosperidades da Pátria e pelo futuro da Guiné, integrado na Nação Portuguesa".

Também em Bolama, Catió e outros locais, houve manifestações de apoio ao Governador.

Também o Ministro do Exército, o brigadeiro Mário Silva, acorreu. Chegou a Bissau em 9 de Agosto e foi visitar S. Domingos juntamente com o Comandante Militar.

Por causa dos ataques, ou como prémio pelo amor pátrio manifestado pelos guineenses, o Ministro do Ultramar publicou novas disposições legislativas, entre as quais a concessão da cidadania a todos os elementos da população.

Houve a 5 de Setembro, por isso, grande manifestação na Praça do Império, em Bissau, reunindo "vários milhares de nativos com as autoridades gentílicas, oficiais de segunda linha e todos os elementos mais destacados da cidade, tanto metropolitanos como ultramarinos, vindos de todos os sectores da vida da Província".



Aspecto das manifestações em frente do Palácio do Governo

Falaram vários oradores sendo o primeiro o sr. Luís Ledo Pontes, natural de Bolama, que entre outras coisas disse: «A Nação Portuguesa, desde as lonjuras da sua fundação, obedeceu ao caldeamento dos povos e isso serviu maravilhosamente de lição nas epopeias da Índia e no levantamento da África. A permanente insistência de estranhos, acalentando sórdidas ambições, em comentar e torturar as raízes fundas que nos entrelaçam, fundindo uma só Nação, está bem revelada nas características étnicas de cada um de nós - os presentes - digamos bem alto! de todos os portugueses ultramarinos.»

E a terminar: - “Portugueses de todas as raças e cores! Nunca é demais, principalmente em hora crítica a que atentamente assistimos, repetirmos o nosso portuguesismo, dispondo-nos à custa de todos os sacrifícios lutar em defesa da nossa posição na História Universal, da nossa civilização cristã e do nosso excelso património nacional, para continuidade da imensa família portuguesa...”

Usou, depois da palavra, a menina Maria Odete Davies, aluna do 7.º ano do Liceu Honório Barreto, e por último a Sr.ª D. Alexandra Ribeiro Neves, natural de Cabo Verde, que recitou um patriótico poema da sua autoria.

Todos os oradores foram muito ovacionados e interrompidos com muitos vivas a Portugal.



Outro aspecto da manifestação

Extraído de Boletim Cultural da Guiné Portuguesa, Volume XVI, nº 64, Outubro de 1961

Apesar de oficialmente a luta armada na Guiné ter começado em 1963, este foi o primeiro ataque do PAIGC (Abbott & Rodrigues, 1998). Segundo o "Crisis Group Africa Report N° 142, 2 July 2007", Amílcar Cabral anunciou em 3 de Agosto de 1961 que o PAIGC tinha já começado as suas acções militares. Na altura havia só duas companhias de Infantaria na Guiné (Morris, 1974)

in
<http://coisasdaquine.blogspot.com/2011/06/193-comunicado-n-1-das-forcas-armadas.html>